

Papa Francisco

Um profeta dos tempos atuais!

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Nodari, Paulo César

Papa Francisco : um profeta dos tempos atuais! / Paulo César Nodari. - São Paulo : Paulus, 2026.

(Coleção Comunidade e Missão)

ISBN 978-85-349-6516-3

1. Igreja Católica — Doutrina social 2. Francisco, Papa, 1936-2025 3. Vida cristã 4. Profecias I. Título II. Série

26-3259

CDD 261.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Igreja Católica — Doutrina social

Coleção **COMUNIDADE E MISSÃO**

- *Dom Helder Câmara: profeta para os nossos dias*, Marcelo Barros
- *Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso*, João Décio Passos (eBook)
- *Sujeitos no mundo e na Igreja*, João Décio Passos (org.) (eBook)
- *Evangelho e instituição*, Marcelo Barros (eBook)
- *A teologia e a pastoral na cidade: desafios e possibilidades atuais*, Elias Wolff (org.)
- *Concílio Vaticano II: experiências e contextos*, Rodrigo Coppe Caldeira (org.)
- *Casa Comum ou globalização da indiferença? Ensaios sobre ecologia integral, fraternidade, política e paz*, Paulo César Nodari
- *Profetas e místicos em terra brasileira: história, espiritualidades e lutas*, Mauro Passos; Newton D. Andrade Cabral; Wagner Sanches (orgs.)
- *Doutrina Social da Igreja: outro mundo possível*, Altieres dos Santos; Luiz Alexandre Solano Rossi
- *Francisco de Assis e a economia da fraternidade*, Domenico Sorrentino
- *Poliedro e amizade social: contribuições do papa Francisco à Doutrina Social da Igreja*, Miguel Ángel Barrios
- *Papa Francisco: um profeta dos tempos atuais!*, Paulo César Nodari
- *Igreja sinodal em saída: contribuições do papa Francisco para a eclesiologia*, André Luiz Bordignon-Meira

Paulo César Nodari

Papa Francisco

Um profeta dos tempos atuais!



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Tatianne Francisquetti

Tarsila Doná

Design

Julia Ahmed

Imagem da capa

Getty Images

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Tele vendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-6516-3

Índice

7	Prefácio Anunciar um tempo novo <i>Luiz Carlos Bombassaro</i>
15	Considerações iniciais
19	Capítulo 1 Profeta: um enviado de Deus
27	Capítulo 2 Papa Francisco: um profeta do século XXI
31	Capítulo 3 Pessoa de Deus
39	Capítulo 4 Pessoa de oração
47	Capítulo 5 Pessoa do povo
63	Capítulo 6 Pessoa do deserto
69	Capítulo 7 Pessoa de denúncia
81	Capítulo 8 Pessoa de anúncio de esperança
93	Capítulo 9 Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão!
99	Posfácio Francisco, um profeta do diálogo <i>Dr. Luiz Síveres</i>
107	Referências

Prefácio

Anunciar um tempo novo

Luiz Carlos Bombassaro

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este livro de Paulo César Nodari é um tributo ao papa Francisco. Profundamente enraizado em referenciais filosóficos, teológicos e pastorais, Nodari apresenta aqui uma imagem singular e multifacetada de Francisco: intérprete da presença do espírito cristão na conturbada história do limiar de um novo milênio, leitor arguto dos acontecimentos do presente num mundo dominado por desafios éticos profundos, e mensageiro de um tempo novo, mais justo e mais fraterno. Pela descrição de Nodari, emerge aqui, a um só tempo, uma imagem de Francisco como discípulo e mestre, peregrino e pregador, pessoa e profeta. Em detalhes, o leitor encontrará neste livro as características marcantes do profetismo de Francisco; um profetismo que se move entre a observação atenta e cuidadosa da realidade, de um lado, e o anúncio de um mundo novo já prefigurado na constelação dos conceitos, dos valores e das práticas cristãs, do outro.

Mas por que Francisco é profeta e qual o significado de seu profetismo hoje? Em sentido estrito, profeta designa aquela pessoa que proclama a palavra que lhe foi revelada por Deus ou, então, aquela pessoa que atua como intérprete de uma pessoa inspirada. A profecia é, portanto, a ação de anunciar e o próprio conteúdo daquilo que o profeta anuncia. Assim, embora o fenômeno profético seja algo complexo e sua compreensão demande uma investigação profunda e cuidadosa, ajudados pelas palavras e pelo percurso aqui apresentado por Nodari, podemos imediatamente encontrar o profeta na figura de Francisco.

Considerado a partir da perspectiva cultural, o profetismo tem uma longa e rica história. Embora o uso da palavra “profecia” remonte, pelo menos, ao século V a.C., sua prática perde-se no tempo e acompanha o surgimento da produção simbólica inerente às atividades humanas nas mais diversas culturas, especialmente na cultura ocidental. Por isso, a história da cultura mostra-se pródiga em profetas e em manifestações do espírito profético. Do pensamento mágico das culturas arcaicas à ciência das culturas modernas, registra-se, de múltiplos modos, a presença de profetas e a potência da profecia, num movimento que se estende do profano ao sagrado; uma dinâmica interpretativa que se efetiva desde a prática da adivinhação até os prognósticos produzidos pela investigação científica. Como elemento essencial da produção simbólica, a profecia encontra lugar e abrigo originariamente no pensamento mágico e mítico, mas também faz sua morada no pensamento religioso e no pensamento científico. Basta lembrar brevemente aqui as práticas mágicas dos nossos ancestrais e seus processos ritualísticos de adivinhação. Em chave pagã, já Píndaro menciona o chamado que Zeus envia ao exímio

intérprete Tirésias, para que ele possa ser o mensageiro dos deuses. E, não por acaso, o Oráculo de Delfos, no templo de Apolo, talvez possa figurar como a primeira grande instituição que, com seus sacerdotes e sacerdotisas, passa a fazer da profecia uma profissão, dado que para ali acorrem pessoas do mundo inteiro e de todas as posições sociais em busca de conselhos e prognósticos para a vida pessoal e política. Não somente a sacerdotisa Pítia, mas também a Sibila de Cumas, belamente representada nos afrescos que Michelangelo pintou na Capela Sistina, foi agraciada com o dom da profecia, e seus versos tiveram profunda influência na literatura e na religião dos romanos.

No entanto, é na tradição bíblica que se registra a onipresença do fenômeno profético, primeiro na perspectiva veterotestamentária, depois na perspectiva dos evangelistas e da história dos apóstolos de Jesus Cristo. Os textos bíblicos do Antigo Testamento estão permeados pela presença e pela ação de profetas, e por um extenso catálogo de profecias cuja narrativa e interpretação estão centradas na história da salvação das diversas tribos que constituíam o povo israelita. Profundamente marcado pela temporalidade e pela historicidade, o espírito profético veterotestamentário vem apresentado sobre o pano de fundo dos eventos e dos acontecimentos históricos mais significativos para a vida cultural dos israelitas. Sejam profetas maiores ou menores, todos pretendem anunciar a autêntica mensagem de Javé. Assim, as profecias se tornam o próprio centro em torno do qual se escreve a história da salvação. Por outro lado, as narrativas do Novo Testamento já tomam como ponto de partida a realização do espírito profético: a vinda de Cristo ao mundo, anunciada por vários profetas, torna-se o acontecimento que dá sentido e valida

todo discurso profético veterotestamentário, constituindo, assim, um momento decisivo da própria história da salvação. Mas esse espírito profético não se esgota com a esperada vinda de Jesus Cristo. Na verdade, somente se renova, pois, com o anúncio da Boa-nova, Cristo assume, ele mesmo, a condição de profeta de um novo tempo e de um novo mundo.

Também para a cristandade do mundo medieval o fenômeno profético continuará a ser interpretado dentro do quadro referencial teórico fornecido pelo paradigma do conhecimento revelado. Desde uma perspectiva filosófica e teológica, desenvolve-se com a medievallidade uma explicação mais detalhada desse fenômeno. Além de uma tipologia da profecia, os Padres da Igreja e os filósofos medievais chamam atenção para a dimensão epistemológica da profecia. No entender de Agostinho, por exemplo, a profecia consiste na visão e na compreensão dos sinais proféticos associadas à força do pensamento. Já Avicena apresenta a profecia como uma força imaginativa que, em última instância, não pode prescindir da força do intelecto. Entra em jogo, portanto, uma disputa sobre a diferença entre a condição natural e a condição supranatural da profecia e do profeta. Mostra-se, enfim, que a profecia não se constitui somente a partir da visão do profeta, mas também depende da interpretação do que acontece. Tomás de Aquino dirá, então, que profeta é aquele cujo entendimento é iluminado para julgar o que foi imaginado por outros. Assim, também a condição e a qualificação do intérprete passam a ter um significado decisivo para a compreensão do fenômeno profético.

Com o surgimento da Modernidade, o profetismo recebe suas mais duras críticas. De modo geral, a validade das profecias é questionada radicalmente, porque previsões, prognósticos,

revelações e oráculos parecem não se coadunar com uma mentalidade que começa a ser orientada por uma perspectiva empírico-realista. O espírito filosófico do racionalismo, do empirismo e do criticismo iluministas já não estão mais dispostos a aceitar o mito validador que impregna o espírito profético. Razão e experimentação empírica estabelecem agora os parâmetros para avaliar o valor dos enunciados e dos eventos. Natureza e história passam a ser compreendidas a partir da sua estrutura e de sua dinâmica de funcionamento, em grande medida caracterizadas como um mecanismo. Assim, os acontecimentos futuros, antes campo de exercício do espírito profético, podem ser antevistos com base no conhecimento do funcionamento desse mecanismo delineado pelo espírito científico.

Com a introdução do cálculo de probabilidades e a formação do novo modo de interpretar o mundo, ao trabalhar com modelos preditivos, a ciência assume a função de prognosticar e anunciar eventos futuros. Esse processo de racionalização, de certo modo, acaba por transferir para o cientista não somente a função de descrever o mundo, mas também o papel de fazer declarações sobre o que poderá vir a acontecer. A partir de então, os prognósticos passam a estar sujeitos ao controle experimental e à verificação empírica, como se o espírito e o valor da profecia tivessem sido completamente transformados em cálculo racional. Mas terá essa mudança profunda de mentalidade realmente transformado o cientista em profeta? Pode o novo espírito científico conviver com o espírito profético? Faz ainda sentido a profecia? Nessas perguntas parece radicar a origem do acirrado debate weberiano em torno dos possíveis limites do conceito de desencantamento do mundo. No meu entender, o advento da moderna mentalidade científica não

altera substancialmente o valor e o significado da profecia, mas incorpora aos modos tradicionais de compreensão uma nova forma de enunciar o mundo e anunciar o futuro.

Penso que essas breves observações permitem situar em que sentido Francisco assume hoje seu papel de profeta e como seu profetismo pode efetivamente contribuir para o advento de um tempo novo e de um mundo melhor. Em sua perspectiva de interpretação dos tempos atuais, solidamente ancorado na doutrina cristã, Francisco tem em alta conta tanto os perigos quanto as contribuições da moderna mentalidade científica. Não desconhece, muito menos “demoniza”, a importância do conhecimento científico, porque compreende que a ciência é uma atividade produzida pelo intelecto e pela mão do ser humano; uma atividade que, se bem orientada, pode levar à construção de um mundo melhor. Assim, somente para dar um exemplo, quando anuncia a urgência da preservação da nossa Casa Comum, não está pura e simplesmente tomando como referência as concepções ingênuas e românticas de uma utopia que prega o retorno do ser humano a um mundo natural já quase completamente transformado pela própria ação humana. Denuncia os abusos praticados na exploração da natureza, os perigos da destruição do meio ambiente, mas também assume as contribuições trazidas por cientistas, filósofos, teólogos e organizações sociais em favor das questões ambientais, e nos convida a nos engajarmos no urgente desafio de proteger nossa Casa Comum e buscar o desenvolvimento sustentável e integral. Está consciente, portanto, de que não haverá saída sem considerar os aportes fundados no conhecimento científico, na reflexão crítica e no diálogo.

Mas à crise ecológica vêm se juntar ainda a miséria humana e as mazelas do mundo, tais como a fome, as epidemias,

as desigualdades sociais, a violência e a guerra. Os desafios parecem ser não somente enormes, mas também crescentes. E se estamos cientes do passado e conscientes do presente, o que será que nos reserva o futuro? Devemos somente esperar por ele ou podemos também agir de modo que possamos configurá-lo? Não me parece que, para superar esses desafios, possamos renunciar à valorização das mais diferentes formas de conhecimento e saber. Ao contrário, graças ao desenvolvimento cultural, estamos hoje em condições de compreender melhor tudo aquilo que já vivemos, e aprendemos a discernir as possibilidades e os limites do que devemos fazer. Que insistamos em repetir ideias, atitudes e condutas que não nos ajudam a construir um mundo melhor, isso é parte da nossa própria fragilidade e da força da contingência. Sobre as urgências do nosso tempo, no entanto, podemos estar muito bem-informados, se não nos deixamos enganar pelos processos da comunicação distorcida e pelas ideologias que costumam viver da falsificação da mensagem, práticas comuns nos falsos profetas.

De certo modo, o profeta do nosso tempo é um hermenêuta e um educador, porque sua profecia serve de marcador de caminho (*Wegweiser*), apontando a melhor direção a seguir. No meu entender, é assim que melhor se pode definir o profetismo de Francisco, porque ele não somente tem uma visão clara das necessidades do nosso tempo, mas também atua como intérprete dos tempos vividos e anuncia um novo tempo para nossa geração e para as gerações futuras. Incorpora, portanto, em seu espírito profético, aquelas referências fundamentais elaboradas pelas múltiplas formas de saber, inclusive pelo espírito científico do nosso tempo. Assim, o profetismo de Francisco se insere numa cultura de interpretação, herdeira